



Mundos Partilhados

Diálogos críticos sobre políticas epistêmicas

17-19 de novembro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Universidade Federal do Rio de Janeiro

Enquanto assistimos a intensas transformações sociopolíticas que se conectam em escala global, olhares cruzados podem trazer uma nova compreensão dos eventos, dos imaginários e das lutas em curso. Contextos europeus e latino-americanos, por exemplo, partilham uma série de processos políticos, que envolvem a consolidação da extrema direita, o recrudescimento da violência, o dismantelamento dos direitos sociais, as mobilizações populares, as lutas em torno do território, os desafios ambientais, a relação entre religião e Estado, as tensões étnicas e raciais, os movimentos migratórios, entre outros. Tais desafios instigam trabalhos etnográficos de longo prazo que, em uma abordagem comparativa, possam gerar análises mais amplas e criativas dos modos de construção de imaginários e futuros (im)possíveis.

Ao mesmo tempo, a pesquisa sólida e situada continua sendo uma condição necessária para a reflexão sobre as condições, os limites e os efeitos do próprio conhecimento antropológico nos debates sobre o futuro. Sendo a antropologia historicamente dedicada a um mundo múltiplo e em constante tensão, a tarefa de reinventar continuamente suas próprias condições de conhecimento não pode prescindir de diálogos transnacionais e interepistêmicos. No entanto, além de uma atualização da prática etnográfica, a reinvenção da antropologia acontece em um momento de questionamento de hegemonias epistêmicas, exigindo a construção de novos diálogos entre Norte e Sul Global, academia e movimentos sociais e modos de compreensão do mundo nem sempre convergentes.

Este evento dará, portanto, atenção especial aos desafios enfrentados pela antropologia e outras ciências humanas na era da reconfiguração dos sistemas de poder constitutivos da própria disciplina, incluindo os rearranjos das relações Norte-Sul na construção de análises sobre o mundo contemporâneo. Para isso, reunimos pesquisadores baseados em diferentes partes do Brasil e do mundo em torno de debates etnográficos e epistemológicos que visam contribuir para a consolidação indispensável de diálogos e parcerias transnacionais.



A ideia de “Mundos Partilhados” é concebida a partir de uma ambiguidade constitutiva — e aqui, produtiva — do termo 'partilhar', que remete tanto à ideia de compartilhar quanto à de dividir. Por um lado, a partilha do mundo pode ser entendida como o compartilhamento de um espaço físico e social de coexistência diante de horizontes comuns, marcados por formas de disputas e de solidariedades; é a abertura à comunhão, à reciprocidade e à imaginação de futuros comuns. Por outro lado, remete também ao traçado de linhas de fratura que segmentam e hierarquizam, distribuindo desigualmente vidas, saberes e territórios. Nesse duplo movimento, o ato de partilhar se revela como ato de solidariedade e de dissenso, de encontro e de conflito. Para a antropologia, decorre que o compartilhamento crescente dos espaços de saber, tanto no plano local quanto transnacional, tem certamente engendrado novas correntes teóricas, perspectivas epistêmicas e posicionalidades críticas. Ao mesmo tempo, essa pluralização tem nos colocado o desafio de construção de pontes que permitam trânsitos, diálogos e trocas entre perspectivas radicalmente diferentes.

Neste cenário de reconfigurações estruturais, a convocação a "diálogos críticos" não é um mero adendo, mas a própria condição de inteligibilidade e de intervenção. A criticidade aqui opera em dupla ressonância semântica: por um lado, afirma a urgência de um pensamento crítico e rigoroso, capaz de desnaturalizar as pretensões universalistas e os regimes de verdade hegemônicos que instituíram certas "partilhas" (divisões) como ordem natural. Por outro, ela alude a um momento crítico diante de crises planetárias (ecológicas, sociais, políticas, epistemológicas) que demandam uma reorientação radical de nossas ferramentas conceituais e de nossas práticas de engajamento. Trata-se de questionar as epistemologias e suas políticas inerentes, desvendando como os modos de conhecer são indissociáveis dos problemas sociais e políticos nos quais se forjam, bem como das formas de poder que constroem e sustentam diálogos nem sempre fáceis em um mundo social atravessado por tensões.

A antropologia, com sua tradição etnográfica de atenção às contradições, nuances e interpenetrações, mas também de abertura ao inesperado, oferece uma perspectiva fundamental para pensar essas tensões. Mas este colóquio não se restringe a ela. Ao reunir antropólogos e antropólogas, mas também sociólogos, artistas e ativistas, o colóquio busca explorar como diferentes regimes de saber — acadêmicos e não acadêmicos, conceituais e corporais, frios e sensíveis — se confrontam, interpelam e reconfiguram.

A aposta metodológica deste colóquio reside na construção ativa de diálogos entre perspectivas distintas. Para além da mera interdisciplinaridade, buscamos uma ecologia de práticas intelectuais onde as fronteiras entre campos de saber e as experiências vividas se tensionam produtivamente. O evento promove: (i) o encontro de intelectuais de diversas geografias localmente enraizadas e internacionalmente relacionadas; (ii) a centralidade de perspectivas e posicionalidades historicamente marginalizadas; (iii) a exploração de formas sensíveis e encarnadas de conhecimento, onde o corpo, a presença e a performance emergem



como loci autônomos de produção de saber; e (iv) a reflexão sobre as alianças emergentes entre pesquisa e ativismo.

Ao promover esses encontros e confrontar diferentes sentidos da "partilha" e do "crítico", o colóquio se propõe como um experimento político-epistêmico, um espaço de consolidação de parcerias transnacionais e interepistêmicas para a gestação de futuros comuns e plurais.





DIA 1 | 17/11
Auditório 91 - UERJ (Maracanã)

17:00 | Mesa de Abertura

18:00 | Epistemologias e Atitudes: tensões entre dividas morais e justiça social

Participantes: Takyiwaa Manuh (Universidade de Gana), Tainah Santos Pereira (Mulheres Negras Decidem)

Mediação: Claudio Pinheiro (UFRJ)

Takyiwaa Manuh é professora emérita de estudos africanos na Universidade do Gana. Ela ocupou o cargo de diretora da divisão de políticas de desenvolvimento social da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África na Etiópia e o de professora de estudos africanos na Universidade de Gana, onde também foi diretora do Instituto de Estudos Africanos entre 2002 e 2009. Sua pesquisa se concentra no desenvolvimento africano, direitos e empoderamento das mulheres, migrações africanas contemporâneas e sistemas de ensino superior africanos. Ela publicou vários artigos nessas áreas. Ela atuou como advogada e é ativa no movimento feminista em Gana e na África. Ela faz parte do conselho administrativo de várias organizações internacionais, continentais e nacionais.

Tainah Santos Pereira é coordenadora política do Mulheres Negras Decidem, movimento social dedicado a promover a participação de mulheres negras na política institucional. É também doutoranda em Economia Política Internacional pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), mestre em Ciência Política pela Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) e bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estácio de Sá. Foi bolsista do Draper Hills Summer Program on Democracy, Development and the Rule of Law em 2022 na Universidade Stanford. Este artigo foi escrito para a edição 140 do boletim semanal do WBO, publicado em 25 de outubro de 2024. Para assinar o boletim e receber gratuitamente, insira seu email no campo indicado.



DIA 2 | 18/11

Salão Nobre, Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ (Flamengo)

10:00 | Superar as cisões epistêmicas: nacionalismos, cosmopolíticas e multiversalismos

Participantes: Gustavo Lins Ribeiro (Universidad Autónoma Metropolitana – Lerma), Vera Regina Rodrigues da Silva (UNILAB)

Mediação: Vinicius Kauê Ferreira (UERJ, Brasil)

Argumento: Como avançar produtivamente a crítica radical que o pensamento pós-colonial e decolonial dirige ao eurocentrismo e ao imperialismo epistêmico que fundaram a disciplina? Se essa crítica desautoriza os projetos universalistas de conhecimento e evidencia a historicidade de suas pretensões, que caminhos restam para uma antropologia política que se quer ancorada nas conexões globais entre processos sociais e sistemas de poder? O reconhecimento de alteridades radicais — formas de vida, cosmopolíticas e regimes de verdade que complexificam as gramáticas da modernidade ocidental — indica apenas a fragmentação de um mundo em crise, ou aponta também para a possibilidade de novas epistemes? Que papel a noção de “multiversalismo” pode desempenhar nesse cenário: horizonte alternativo ao universalismo ou multiplicação de incomensurabilidades? Em que medida os trabalhos etnográficos situados, realizados a partir de diferentes margens do sistema-mundo (América Latina, Europa e África), permitem compreender como nacionalismos, cosmopolíticas indígenas e afro-diaspóricas, e imaginários de futuro se confrontam e se sobrepõem no projeto antropológico? Quais os caminhos teóricos e metodológicos possíveis na elaboração de uma epistemologia multipolar capaz de conciliar a ambição de uma unidade da disciplina com o reconhecimento de uma irreduzível multivalência do sentido da história?

Gustavo Lins Ribeiro é professor na *Universidad Autónoma Metropolitana* (UAM-Lerma) Pesquisador Emérito do *Sistema Nacional de Investigadoras e Investigadores*, no México. Figura importante nos estudos sobre globalização, é conhecido por seus trabalhos sobre transnacionalismo, desenvolvimento, “antropologias mundiais”, pós-imperialismo. Ele propõe uma crítica às hegemonias epistêmicas e promove um projeto de antropologia mais descentrado, plural e cosmopolita. Suas publicações são referências incontornáveis para pensar a disciplina além de seus quadros provincianos metropolitanos e das desigualdades Norte-Sul. É o editor-geral da antologia “Panoramas de las Antropologías Mundiais” (2023).



Seu novo livro, “Desimperializar. Colonialismo, Imperialismo, Capitalismo”, será publicado por Siglo XXI, em 2026.

Vera Regina Rodrigues da Silva é antropóloga, professora associada ao Instituto de Humanidades da UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Diretora Regional (nordeste) na gestão 2025-2026 da ABA - Associação Brasileira de Antropologia. Diretora de Áreas Acadêmicas da ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) Gestão 2020-2022 e 2022-2024. Líder do Grupo de pesquisa Oritá - Espaços, Identidades e Memórias e coordenadora da Linha de Pesquisa "Identidades e Políticas Públicas". Membro do Conselho de Administração do Instituto Dragão do Mar (CE). Coordenadora dos projetos de extensão "Mulheres Negras Resistem: processo formativo teórico-político para mulheres negras" e "Antropocast - Unilab". Realiza pesquisas com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, atuando principalmente nos seguintes temas: quilombos, políticas públicas, educação, racismo, relações etnicorraciais e feminismo negro.

Vinicius Kauê Ferreira é professor de antropologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Suas pesquisas se concentram na história da antropologia, antropologia da ciência e circulações intelectuais. Ele se interessa pela formação de tradições disciplinares fora do contexto euro-americano, especialmente na Índia, bem como pelas trajetórias e pela mobilidade internacional dos cientistas. Seus trabalhos examinam a produção e a circulação do conhecimento e as desigualdades epistêmicas que estruturam o campo científico em escala mundial.





14:00 | A antropologia diante da violência, da guerra e da destruição

Participantes: Omar Ribeiro Thomaz (Unicamp), Juliana Farias (UERJ), Leonardo Schiocchet (Charles University)

Mediação: Paulo Gabriel Pinto (UFF)

Argumento: Esta mesa redonda aborda os desafios que a destruição e a guerra colocam no cerne da disciplina, num contexto de recrudescimento dos ataques à liberdade acadêmica, da destruição das condições de produção do conhecimento em contexto de guerra ou do conhecimento não hegemônico no âmbito da necropolítica. Diante disso, que análise é possível quando as universidades são bombardeadas e os intelectuais perseguidos, exilados ou silenciados? No plano epistemológico, essas violências não nos obrigam a rever radicalmente nossos conceitos de “campo”, “engajamento” e “objetividade”? Qual é, então, a responsabilidade política de uma disciplina que se pretende crítica e ao mesmo tempo enraizada em um mundo à deriva da destruição?

Omar Ribeiro Thomaz é professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, ao Programa de Pós-Graduação em História (linha História Social da África) e ao Doutorado em Ciências Sociais. Ele desenvolve pesquisa nas áreas de antropologia da guerra e do conflito e história social da África e do Caribe, tendo realizado pesquisa de campo no sul de Moçambique, em Uganda e no Haiti. Sua equipe, formada em grande medida por orientandos, vem realizando pesquisa em diferentes países africanos (Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Namíbia e África do Sul), no Caribe (Haiti e República Dominicana) e em territórios da Europa central e oriental (em particular Sérvia, Bósnia e antiga República Democrática Alemã).

Juliana Farias é professora adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integra o Comitê Cidadania, Violência e Gestão Estatal e é secretária adjunta da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) gestão 2025-2026. É autora do livro *Governo de Mortes: uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro* (2020). Coautora de roteiro e argumento dos documentários *Cheiro de Diesel* (2025) e *Auto de Resistência* (2018). Coordena o projeto de extensão “Militarização e marcadores sociais da diferença”.

Leonardo Schiocchet é Professor de Antropologia e Etnologia da Charles University (Praga), Pesquisador Sênior do Instituto de Estudos Orientais, Academia Checa de Ciências e co-editor do jornal da EASA, *Social Anthropology/Anthropologie sociale*. Além disso, Schiocchet é co-chair da Comissão em Migração da IUAES e Supervisor Externo do





Instituto para Antropologia Social e Cultural (IKSA) da Universidade de Viena. Schiocchet tem doutorado em antropologia (Boston University, 2011) e Habilitação (venia docendi) em Antropologia Social (Universidade de Viena, 2021). Suas últimas publicações incluem: *Living in refuge* (transcript Publishing, 2022); e *Processos de Pertencimento e Organização Social entre Migrantes Forçados Árabes* (ABA Publicações e Editora Fi, 2024).

Paulo Gabriel Pinto é professor associado do Departamento de Antropologia e coordenador do Núcleo de Estudos do Oriente Médio (NEOM) da Universidade Federal Fluminense. Tem pesquisas etnográficas com ênfase em Antropologia do Islã, Peregrinações, Territórios Sagrados, Xiismo, Sufismo, Nacionalismo e Etnicidade, Impacto das Revoluções Árabes e Diásporas Árabes. Realizou trabalhos de campo etnográficos sobre diferentes aspectos da religiosidade muçulmana na Síria, Iraque, Tunísia, Marrocos, com as comunidades muçulmanas no Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Foz do Iguaçu, Porto Alegre, Recife), Paraguai (Ciudad del Este, Encarnacion, Asuncion) e Argentina. Atualmente, desenvolve trabalho de campo com membros das comunidades sufis de Alepo dispersos pelo conflito na França, Alemanha, Líbano e Jordânia.





16:30 | A Universidade Necessária: novas instituições, sujeitos e epistemes

Participantes: Vera Regina Rodrigues da Silva (UNILAB), Diógenes Cariaga (UEMS), Giselle Florentino (IMDJR/UERJ)

Mediação: Lia de Mattos Rocha (UERJ)

Argumento: Esta sessão se interessa pela transformação do papel político e social da universidade num momento em que os debates decoloniais colocam em questão os seus fundamentos epistêmicos. Como as alianças emergentes entre pesquisadores e movimentos sociais reconfiguram concretamente as agendas de pesquisa e os métodos de investigação? Que novos saberes sobre o político emergem desta coprodução entre análises acadêmicas e saberes politicamente engajados? Por fim, quais são os desafios – institucionais e políticos – desta universidade sem muros, e que papel ela pode desempenhar na construção de futuros mais justos e epistemologicamente diversos?

Vera Regina Rodrigues da Silva é antropóloga, professora associada ao Instituto de Humanidades da UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Diretora Regional (nordeste) na gestão 2025-2026 da ABA - Associação Brasileira de Antropologia. Diretora de Áreas Acadêmicas da ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) Gestão 2020-2022 e 2022-2024. Líder do Grupo de pesquisa Oritá - Espaços, Identidades e Memórias e coordenadora da Linha de Pesquisa "Identidades e Políticas Públicas". Membro do Conselho de Administração do Instituto Dragão do Mar (CE). Coordenadora dos projetos de extensão "Mulheres Negras Resistem: processo formativo teórico-político para mulheres negras" e "Antropocast - Unilab". Realiza pesquisas com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, atuando principalmente nos seguintes temas: quilombos, políticas públicas, educação, racismo, relações etnicorraciais e feminismo negro.

Diógenes Cariaga é antropólogo e indigenista, docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGANT/UFGD), doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e está como vice-coordenador da Comissão de Direitos Humanos da ABA. Desenvolve pesquisas junto às famílias kaiowá (Guarani) na região da bacia do Rio Dourados interessadas em temas como lideranças e coletivos, ação política ameríndia, regimes e práticas de conhecimentos. Atualmente coordena a pesquisa Retomar Saberes: conhecimentos kaiowá (Guarani) e suas composições diante de mundos plurais (FUNDECT 50/24/Humanidades) que investiga as formas de recusas e alianças





frente a expansão do agronegócio e o Estado, vinculado ao Mundéu - Laboratório de Antropologia, Etnografias e suas Variações (UEMS/CNPq).

Giselle Nunes Florentino é economista formada pela UFRRJ (Instituto Multidisciplinar) e concluiu mestrado em Serviço Social e Desenvolvimento Regional na UFF, além de estar envolvida com o doutorado em Sociologia no IESP/UERJ. Ela é uma das fundadoras e atua como coordenadora executiva da Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial (IDMJR), organização criada em 2019 que concentra suas atividades na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. A IDMJR dedica-se a enfrentar a violência de Estado e o racismo estrutural, reunindo pesquisa, mobilização comunitária, formação política e ações de incidência institucional, com foco na memória das vítimas negras e na coleta de dados sobre letalidade policial.

Lia de Mattos Rocha é professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É pesquisadora associada ao Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade - CEVIS, e ao CIDADES - Núcleo de Pesquisa Urbana (UERJ). Em 2013 publicou o livro "Uma favela 'diferente das outras'? Rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão, Rio de Janeiro", pela Editora Quartet/FAPERJ. Realiza desde 1997 pesquisas na área de Sociologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: movimentos sociais e segregação sócio-espacial.



DIA 3 | 19/11

Salão Nobre, Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ (Flamengo)

10:00 | Epistemologias em movimento: corpo, presença e produção de saber

Participantes: Véronique Bénéï (CNRS), Cesar Hupaya (UFES, Brasil), Alexandra Alencar (UFSC)

Mediação: Déborah Maia de Lima (McGill University)

Argumento: Apesar da força que a escrita ainda possui como forma mais valorizada de produção de conhecimento científico, observamos o emergir de abordagens que privilegiam práticas de conhecimento expressas no e pelo corpo, no movimento e na performance. Como pensar a incorporação e a encarnação, seja através de metodologias de presença sensível, da arte e de suas articulações com epistemologias críticas como ferramenta de renovação da reflexão antropológica sobre o contemporâneo? Que modos de conhecimento podem ser desenvolvidos por meio de uma abordagem fenomenológica? Quais dispositivos heurísticos podem ser criados? Que novas formas de autoridade, legitimidade e circulação do conhecimento emergem quando o corpo, tanto o das interlocutoras e interlocutores quanto o do antropólogo, é reconhecido como arquivo, fonte de narrativas e local de enunciação? Se a violência, os deslocamentos forçados e as migrações involuntárias configuram territórios de dor e luta, como as práticas performativas e corporais também se tornam espaços de ressurgimento, de ressignificação da memória, possibilitando outras formas de resistência? Em que medida o corpo em movimento pode reconstituir histórias interrompidas e contestar os relatos nacionais ou coloniais dominantes? Como as experiências de performance teatral, as práticas pedagógicas e os coletivos intelectuais-artísticos navegam pelas fronteiras entre a arte e a antropologia, entre a estética e a política, entre a pesquisa e o ativismo? Com quais implicações para repensar o próprio status do conhecimento antropológico? Por fim, diante da fragmentação epistêmica contemporânea, é possível imaginar uma antropologia política que reconheça a performance e a corporeidade não como um complemento à escrita, mas como um modo autônomo e constitutivo de pensar e intervir no mundo?

Véronique Bénéï é antropóloga, diretora de pesquisa do CNRS e membra do Laboratório de Antropologia Política (LAP, EHESS). As pesquisas de Véronique Bénéï situam-se na interseção entre a antropologia política e uma abordagem sensorial e encarnada, tanto como objeto de estudo quanto, mais recentemente, como ferramenta de pesquisa. Depois de trabalhar por muito tempo sobre a produção de laços com a nação, especialmente no ambiente escolar na Índia, Véronique redirecionou seus interesses de pesquisa para a América do Sul. Lá, ela desenvolveu um programa de investigações sobre a violência e o

trabalho performativo da memória e da história ligados às migrações involuntárias, seja o tráfico transatlântico de escravos do século XVI ao XIX ou o deslocamento interno forçado contemporâneo. Por fim, formada no Reino Unido em uma modalidade de “movimento consciente”, Véronique desenvolveu uma ferramenta reflexiva de presença encarnada e sensível que ela mobiliza em seus ensinamentos, bem como em uma exploração artística alternativa para produzir, expressar e compartilhar a pesquisa.

Cesar Hupaya é professor da Universidade Federal do Espírito Santo, do Centro de Artes, onde leciona as disciplinas Artes da Performance, Antropologia do teatro, Interpretação e direção (teatro e cinema). Fundador do Grupo de Teatro Experimental Capixaba em 1977, encenador performer de teatro, cinema e música. Coordenador do Núcleo de Performance e Antropologia do Teatro do CNPq do Centro de Artes da UFES.

Alexandra Alencar é professora de antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Suas pesquisas abordam feminismos negros, relações raciais, gênero, performance e epistemologias descolonizadoras. Ela é uma das coordenadoras do coletivo “Ebó Epistêmico”, que promove os conhecimentos produzidos por mulheres negras. Seu trabalho explora como o corpo e a performance podem ser locais de produção de conhecimento e contestação política, oferecendo alternativas críticas à tradição acadêmica escrita e eurocêntrica.

Déborah Maia de Lima é uma artista/pesquisadora de movimento brasileira que vive em Montreal desde 2014. Ela estuda e trabalha com dança, somática, educação e bem-estar desde 2000. No Brasil, atuou como dançarina, cantora e musicista em grupos de dança brasileira por nove anos. Também atuou como participante-pesquisadora em grupos de dança-teatro e em muitos eventos de Contact-Improvisation. Com base na noção de que a educação é uma experiência sensorial, o foco principal desta artista é facilitar a arte do movimento para todos, especialmente para pessoas que não têm formação em dança. A união de seu campo experimental como artista e sua formação acadêmica como pesquisadora é o que a leva a criar constantemente novas formas de colocar as pessoas em movimento de uma maneira alegre, divertida e emotiva.

14:00 | Além do fim do mundo: emergências climáticas e novos futuros ecológicos

Participantes: Rita Montezuma (UFF), Maurizio Esposito La Rossa (EHESS), Igor Scaramuzzi (Unicamp)

Mediação: Rodrigo Bulamah (UERJ)

Argumento: A intensificação dos fenômenos climáticos extremos nos confronta com questões cada vez mais urgentes. Este momento, que muitos de nós percebemos como um verdadeiro ponto de inflexão, interpela diretamente a antropologia. Com sua atenção especial às diferentes maneiras de conceber o tempo e o espaço, nossa disciplina ocupa um papel central nos debates sobre as crises contemporâneas. Como habitar as ruínas dos projetos coloniais e capitalistas? Que outras formas de relação entre natureza e cultura podemos imaginar diante da crise? E, acima de tudo, como a antropologia pode contribuir não apenas para analisar, mas também para antecipar outros futuros possíveis?

Rita Montezuma é professora Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense. Suas pesquisas abordam os seguintes temas: Ecologia, Biogeografia, Ecologia Política, Gestão de Áreas Protegidas, Diagnóstico Ambiental, Conflitos Socioambientais e Geografias Negras. Além disso, tem se destacado por sua atuação e publicações voltadas para as Geografias Negras, contribuindo para o debate sobre a racialização do espaço, Racismo Ambiental e a valorização dos saberes afro-diaspóricos. É membro titular e fundadora da AFIDE/UFF (Assessoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade), integrante do Comitê de Demandas Étnico-raciais, coordenando o GT Quilombola da UFF e atua como pesquisadora extensionista no movimento pela titulação já das terras quilombolas junto à ACQUILERJ e comunidades quilombolas do estado do Rio de Janeiro.

Maurizio Esposito La Rossa é antropólogo, professor da EHESS e membro do Centro Alexandre-Koyré. Na intersecção entre a antropologia política e a antropologia ambiental, suas pesquisas atuais se concentram nas transformações ambientais em Madagascar e sua articulação com as mudanças nos regimes políticos, bem como com as formas de governança dos recursos naturais. Ele aborda essas dinâmicas através do prisma da paisagem, considerada como a configuração sensível das interações entre os seres humanos, outras espécies vivas e os materiais de construção. A partir do estudo das organizações políticas sakalava e de suas concepções da história, seus trabalhos ampliaram a reflexão sobre a história da ilha, articulando-a com as transformações dos materiais de construção dos monumentos e, de forma mais ampla, da paisagem.



Igor Scaramuzzi é doutor em Antropologia Social pela Universidade de Campinas (2016) e desenvolveu pesquisa sobre o extrativismo da Castanha do Pará com ênfase nas práticas e nas relações que envolvem a produção e transmissão de conhecimentos sobre a biodiversidade entre os quilombolas do Alto Trombetas, município de Oriximiná, estado do Pará. Em sua trajetória de pesquisa se dedicou de modo especial ao tema dos conhecimentos locais; sobre como eles podem ser fortalecidos nas comunidades e como podem ser veiculados em espaços institucionais para discutir suas possíveis contribuições em debates sobre temáticas importantes no mundo contemporâneo, como a conservação da biodiversidade e as mudanças climáticas. Desde 2002, atua como assessor de comunidades indígenas e tradicionais em projetos desenvolvidos em instâncias governamentais e não governamentais que envolvem educação escolar, cultura/patrimônio e terra/meio ambiente.

Rodrigo Bulamah é professor no Departamento de Antropologia da UERJ. Trabalhando na interface entre antropologia e história, realiza pesquisa no Caribe, particularmente o Haiti e a República Dominicana, com um enfoque em ecologia, ruínas, mobilidade e relações humano-animais. Sua pesquisa atual se debruça sobre dois temas principais, de um lado, as lógicas contra-plantation na formação do campesinato negro nas Américas e no Caribe e, de outro, as relações entre meio ambiente e crise no Haiti a partir de uma etnografia sobre a vida tecnopolítica do carvão vegetal. É autor do livro "Ruínas circulares: uma antropologia da história no norte do Haiti" (Papéis Selvagens, 2024), indicado ao Prêmio Jabuti Acadêmico (2025), e co-autor de "Rotas caribenhas: etnografia, mobilidade e conhecimento" (Editora UFRJ, 2024).



16:30 | O futuro diante do esgotamento da política: distopias e alternativas

Participantes: Riccardo Ciavolella (CNRS), Leticia Cesarino (UFSC), Felipe Tuxá (UFBA)

Mediação: Igor Rolemberg (UFRRJ)

Argumento: Esta sessão aborda as reconfigurações do político no mundo contemporâneo. Diante do esgotamento das formas convencionais de política e da ascensão de projetos autoritários, como compreender as lógicas de adesão que se consolidam em contextos de crise e marginalização? Ao mesmo tempo, como interpretar as novas gramáticas políticas e os imaginários do futuro veiculados pelos movimentos sociais contemporâneos, muitas vezes em oposição aos relatos distópicos dominantes? Nesse contexto, qual o papel das infraestruturas digitais na reconfiguração das lutas pela hegemonia: são apenas vetores de desinformação e polarização, ou também arenas de invenção política e solidariedade? E como as lutas indígenas, ao articular memória, território e cosmopolítica, podem oferecer horizontes alternativos que desafiam os limites do pensamento político hegemônico? Essas questões interpelam diretamente a antropologia: quais novos conceitos e ferramentas analíticas mobilizar para compreender formas de mobilização, crença e imaginação que escapam às categorias herdadas da modernidade política? E, diante de terrenos profundamente atravessados por tensões e conflitos, que lugar ainda é possível para o antropólogo — observador crítico, mediador ou aliado — quando sua própria prática de conhecimento se torna indissociável das lutas e dos futuros em jogo?

Riccardo Ciavolella Riccardo Ciavolella é antropólogo, diretor de pesquisa do CNRS, ex-diretor e atual membro do Laboratório de Antropologia Política (EHESS). Ele leciona antropologia política na EHESS desde 2012. Africanista de formação, analisou as formas que a política assume em contextos de marginalidade e as maneiras de estar no mundo em situações de crise (social, cultural, econômica, ecológica, etc.) e nas relações entre o local e o global. Ele se interessou pela história da antropologia política, colocando em perspectiva a produção de um conhecimento sobre “o político de outra forma” e a capacidade deste de inspirar novas formas de imaginação. Além disso, produziu numerosos estudos sobre a relação entre a antropologia política e o pensamento gramsciano e sobre o impacto da experiência histórica e do engajamento político de certos antropólogos do passado (entre os quais Ernesto de Martino) e contemporâneos. Além disso, organizou e montou exposições na fronteira entre a arte e a antropologia, publicou um romance, textos narrativos e um livro infantil, e contribuiu para a encenação teatral de uma de suas obras narrativas.



Leticia Cesarino é professora de antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ela é uma voz de destaque no estudo da antropologia digital e da política contemporânea. Suas pesquisas inovadoras analisam o surgimento da nova direita e do bolsonarismo no Brasil através do prisma das plataformas digitais, da desinformação e das teorias cibernéticas. Com base na etnografia das redes sociais, ela explora como as novas infraestruturas de comunicação moldam as comunidades políticas, a polarização e as formas de crença na era do populismo digital.

Felipe Tuxá é um antropólogo indígena do povo Tuxá e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Seu trabalho está no centro das lutas pelos direitos indígenas e pela descolonização do conhecimento no Brasil. Suas pesquisas abordam os processos de territorialização, memória, identidade e estratégias políticas dos povos indígenas, especialmente no Nordeste do Brasil. Como intelectual e ativista, ele contribui significativamente para repensar a antropologia a partir de uma perspectiva indígena, questionando os marcos tradicionais da disciplina e propondo novas formas de produção de conhecimento.

Igor Rolemberg é pesquisador de pós-doutorado FAPERJ no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRJ). Tem experiência nas áreas de violações de direitos humanos, populações rurais brasileiras, mobilização social, dinâmicas políticas e religiosas, especialmente a partir da Amazônia brasileira.





Comissão Organizadora

Vinicius Kauê Ferreira (UERJ, Brasil)

Rodrigo Bulamah (UERJ, Brasil)

Claudio Costa Pinheiro (UFRJ, Brasil)

Jean-Bernard Ouédraogo (EHESS, França)

Jade Novaes (UERJ)

Instituições organizadoras

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

South-South Exchange Programme for Research on the History of Development

École des Hautes Études en Sciences Sociales

Financiamento

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ

European Research Council – Moving Bodies and Memories of African Slavery in South America

South-South Exchange Programme for Research on the History of Development

Locais do evento

17 de novembro: Auditório 91, UERJ Maracanã - Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro

18 e 19 de novembro: Salão Nobre, Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ - Av. Rui Barbosa, 762, Flamengo, Rio de Janeiro (diferente do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ na Praia Vermelha)

Contato

vinicius.ferreira@uerj.br

